



A Ancestralidade Africana ao som dos atabaques: As Manifestações Religiosas nos Corpos Umbandistas

Marcelo Máximo Purificação¹

Resumo: Este texto surge das discussões decorrentes da disciplina do Seminário Avançado IV, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA. A diversidade religiosa é hoje um dos temas mais discutidos no contexto social. Por isso, divulgar o discurso sobre as religiões africanas, em particular a Umbanda, é, sem dúvida, um passo importante para a contenção de hábitos e práticas preconceituosas. O objetivo deste texto é apresentar a Umbanda como uma religião genuinamente brasileira, enfatizando a importância dos corpos e seus movimentos ao som dos atabaques no processo análogo de culto para os adeptos da fé. Os resultados evidenciam que o desconhecimento do movimento religioso de Umbanda, seus objetos/ símbolos sagrados e seus cultos/ ritos é o fator impulsionador que se alavanca tanto da intolerância religiosa quanto do preconceito e exclusão religiosa de seus integrantes e participantes. Concluindo, destacamos a necessidade urgente de estratégias capazes de promover o respeito à diversidade religiosa e o combate à intolerância; afinal, a Umbanda é uma religião originariamente brasileira que expressa aspectos de nossa cultura, de nosso povo e sua trajetória sócio histórica contribui para a materialização de atos e expressões enraizados em nosso imaginário, podendo assim contribuir com o social, cultural e individual, bem como minimizar o preconceito e a intolerância religiosa.

Palavras-chave: Umbanda, diversidade religiosa, cultura espiritual.

¹ Pós-Doutor em Educação pela Universidade de Coimbra (UC); Doutor em Ensino (UNIVATES); Doutor em Ciências da Religião (PUC-Goiás); Doutorando em Educação (ULBRA). Professor Titular na Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior – FIMES/UNIFIMES. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

African ancestry and the sound of atabaques: Religious Manifestations in Umbanda Bodies

Abstract: This text arises from discussions arising from the discipline of Advanced Seminar IV, developed within the scope of the Graduate Program in Education at the Lutheran University of Brazil - ULBRA. Religious diversity is today one of the most discussed topics in the social context. Therefore, disseminating the discourse on African religions, in particular Umbanda, is undoubtedly an important step towards containing prejudiced habits and practices. The objective of this text is to present Umbanda as a genuinely Brazilian religion, emphasizing the importance of bodies and their movements to the sound of atabaques in the analogous process of worship for the followers of the faith. The results show that the lack of knowledge of the Umbanda religious movement, its sacred objects/symbols and its cults/rites is the driving factor that leverages both religious intolerance and the prejudice and religious exclusion of its members and participants. In conclusion, we highlight the urgent need for strategies capable of promoting respect for religious diversity and the fight against intolerance; after all, Umbanda is an originally Brazilian religion that expresses aspects of our culture, our people and its socio-historical trajectory contributes to the materialization of acts and expressions rooted in our imagination, thus being able to contribute to the social, cultural and individual, as well as minimize prejudice and religious intolerance.

Keywords: Umbanda, religious diversity, spiritual culture.

Introdução

Quando falamos de diversidade religiosa, à nossa cabeça vem ao mesmo tempo a ideia do fenômeno religioso. Quando buscamos compreender o fenômeno religioso, tomamos consciência da dimensão dessa diversidade e nos confrontamos com as instituições religiosas, suas "crenças, ações, comportamentos, mitos, ritos, etc." (SILVA, 2004, p. 3).

Observando do ponto de vista da história e da cultura, é evidente que o pensamento religioso se manifesta de forma diferente no tempo e no espaço, sendo fortemente influenciado pelos contextos sociais. Assim, este texto pretende, por meio do fenômeno religioso e do sistema religioso, parte integrante do processo cultural, apresentar - na diversidade religiosa - a religião Umbanda, seu contexto e seu lugar no panorama brasileiro. A Umbanda insere-se no contexto das religiões afro-brasileiras, considerada, no universo religioso, como uma religião recente. No entanto, é um fenômeno religioso que sintetiza muito bem a população do Brasil.

Muitos autores direcionam a Umbanda como resultado de um processo de trajetória histórica do contexto brasileiro, enraizado em hábitos culturais que elevam o desenvolvimento social, cultural e espiritual do indivíduo no imaginário coletivo, tais como, Luzia Negrão (1993), que apresenta a religião de Umbanda como a interligação entre os apelos de suas

raízes negras e os atrativos legitimadores da adoção dos princípios éticos cristãos. “Embora pouco racionalizada e postulando uma visão de mundo predominantemente encantada, vem crescentemente moralizando-se, sobretudo a partir das influências do ideal kardecista da caridade” (NEGRÃO, 1993, 113).

Despreconceitadamente umbandista

A Umbanda é eminentemente brasileira e sua fundação data de 15 de novembro de 1908, início de um contexto de muitas lutas que margeiam sua trajetória até os dias atuais. Por seu mito criador perpassa a perspectiva de um discurso de ressignificação, de construção de uma identidade, de (re)organização de práticas, discursos e a busca pelo resgate cultural e a sincretização de elementos da tradição afro-ameríndia com a europeia (ORTIZ, 1999, 15).

Nos relatos históricos registrados, principalmente nos registrados por Jardim (2017), esse processo inicial de umbanda, que faz parte da cultura banto e se desenvolve a partir de três momentos importantes, organizando da seguinte forma:

- a) Primeiro, a religião africana, enquanto movimento de resistência sociocultural, transformou o seu regime de linhagem para o de nação, isto é, a solidariedade familiar consanguínea foi destruída pelo tráfico negreiro, portanto passaram a adotar a solidariedade étnica, a partir da nação de origem dos negros.
- b) Segundo, quando acaba a escravidão, a população negra e mestiça passa por um rápido processo de pulverização dentro das relações sociais. Assim, o Candomblé, majoritariamente rural, atuou na integração dessa população através da solidariedade étnica, conhecida como “família de santo”.
- c) E terceiro, quando se inicia o processo de urbanização e industrialização da região sudeste do país, no início do século XX, e a proletarianização dos negros e mestiços, o ambiente proporcionou a necessidade de uma religião mais adaptada ao ambiente urbano, surgindo, assim, a Umbanda – um misto de reconstrução de antigos rituais africanos e destruição de um antigo sistema de valores e controle social. (JARDIM, 2017, 62).

Na linha dessas ideias, Negrão (1993) expressa que os cultos da religião Umbanda baseiam-se no transe mediúnico, quando os médiuns incorporam os “guias” e, a partir daí, realizam rituais, consultas e cuidados espirituais. A incorporação, segundo Ortiz (1999, p.71), é “elemento central do culto, permitindo a descida dos espíritos do reino da luz, da corte de Aruanda, que cavalgam a montaria da qual eles são senhores”.

Para Carlos de Ogum (sd), “quando o atabaque fala, a alma escuta e o corpo responde”. Os atabaques sacralizados nos terreiros de Umbanda têm a importante missão de colaborar para a manutenção das vibrações do médium que traz o Orixá à terra. A música, no

culto de Umbanda, aproxima o indivíduo (homem) dos orixás, são como os mantras energéticos, que tanto servem para preparar a chegada dos guias, como para suas despedidas.

Figura 1 – Culto aos atabaques



Fonte: Never miss a story from **Convocatória Portfólio em Foco 2017** Disponível em: <https://medium.com/convocatoria-portfolio-em-foco-2017/casa-de-oxum-e-oxossi-18453dcbcef5>. Acessado em 20/05/2021.

O filho da casa de Umbanda responsável pelos atabaques é chamado de Curimba. Velho (1977) fala da importância do acontecimento musical, chama a nossa atenção para observarmos todo o contexto da música e sua magia, que brotam das mãos hábeis do Curimba, que orchestra a gira² com os pontos³ corretamente selecionados para cada momento, que purifica o ambiente de modo que cada entidade possa se manifestar, dando

² A Gira, sessão espírita da Umbanda, começa com o medium líder, que é chamado Babá, Pai de Santo, Mestre entre outras denominações, defumando e enfumaçando os seguidores e firmando o Congá. Firmar o Congá é encher taças com água, para condensar energia, acender sete velas, uma para cada Orixá e fazer uma oração mental “edificante”. Depois, “firma a Tronqueira da casa” acendendo uma vela e servindo cachaça para o Exú chefe. Outro sincretismo da “religião original”, posto que no Candomblé, mais antigo, todos os rituais começam com oferenda a Exú, aquele que é intermediário entre homens e Orixás. A seguir, mais fumaça nos consulentes. Disponível em: <https://pajjoaodeangola.com/como-acontece-a-gira/> Acessado em 20/05/2021.

³ Os pontos de Umbanda são os cânticos sagrados dessa religião afro-brasileira que têm diversas funções como, por exemplo, homenagear uma entidade ou convidá-la ao convívio no centro. Quando os fiéis entoam os pontos de Umbanda, eles estão ao mesmo tempo fazendo uma prece e invocando as falanges, chamando-as para fazer uma visita. Os pontos de Umbanda precisam ser cantados com cadência própria, em harmonia e sem exageros, pois a harmonia do ponto é essencial para dar à luz necessária e equilibrar a energia para a vinda dos guias e protetores espirituais e também para que os trabalhos realizados no terreiro sejam bem-sucedidos. Disponível em: <http://www.wemystic.com.br/artigos/pontos-de-umbanda-saiba-o-que-sao-e-a-importancia-deles-na-religiao/> . Acessado em: 20/05/2021.

assim mais significado ao ato da incorporação do médium. Já para Oliveira Pinto (2001, p. 3), “seja qual for o contexto ou sociedade, a música sempre será importante, pois é a manifestação de crenças e de identidades, estando presente na maioria dos cultos religiosos” pelo mundo afora.

Apesar do discurso da diversidade cultural, de crenças e identidades, ainda nos deparamos com a intolerância religiosa fortemente velada em nossa sociedade. O preconceito e a violência que os filhos e membros da Umbanda sofrem na atualidade são fruto de uma herança histórica vinda desde a década de 1930, conhecida como “era Vargas”, contexto em que as crenças afro-brasileiras são rotuladas como “atraso cultural”; desde então, a perseguição aos cultos afro nunca cessou.

Nesse cenário, líderes sofrem repressões, terreiros fecham suas portas e aqueles que insistem no funcionamento, na maioria das vezes, são humilhados e ridicularizados, obrigando-se a migrar para as periferias (CONDURU, 2013). Na linha dessas ideias, o Centro de Referências em Direitos Humanos do Distrito Federal (2013) preconiza que:

Prevenir a intolerância é assumir que nenhuma verdade é única. E reconhecer que o outro tem livre arbítrio (...). Esse reconhecimento pressupõe garantir-lhe o direito de pensar, de crer, de amar, de doar, de rezar, de ser gente religiosa. Gente que exercita a missão sagrada de reconhecer no outro a imagem e semelhança de Deus, Olorum ou Javé. Religiões Afro-brasileiras (2013, p.31).

O contexto atual não é um contexto de “verdade única” e, para que haja a convivência harmoniosa na sociedade, é preciso fomentar políticas de tolerância, de convivência respeitosa em meio aos contextos diversos ou de diversidade e, nesse cenário, é “imprescindível o reconhecimento do direito fundamental à liberdade religiosa, em todas as suas dimensões” (PAPA FRANCISCO, 2013)⁴. Palavras que congregam as fileiras de todos aqueles que acreditam que um diálogo inter-religioso pode ajudar na contenção do preconceito e da intolerância religiosa, assim como nós.

Despreconceitualizar a Umbanda, para mim, é um processo pessoal que ocorre dentro de cada ser, a partir do momento em que se vê representado nessa religião. Segundo Sanchis (1994), há uma tendência de se usar relações registradas em outro mundo para revitalizar o próprio universo.

⁴ (Discurso do Papa Francisco aos participantes da Plenária sobre o diálogo inter-religioso – 2013).

À Guisa de Conclusão

Ao abordarmos a diversidade religiosa e os símbolos utilizados nos cultos de Umbanda, é necessário empreender um retorno na trajetória e no percurso de nossa própria história, pois a Umbanda é um viés importante da história do Brasil. Entende-se que a prática vivenciada no interior de cada religião é subjetiva, porém, ganha vida e forma na realidade e nas relações sociais. É possível verificar que o processo que popularizou e vem popularizando a Umbanda, a tem legitimando-a enquanto religião. Os atabaques e a música fazem parte dos rituais, que colaboram para sua vibração e fortalecem a relação energética do médium com o seu Orixá.

Percebe-se que, no contexto brasileiro, a Umbanda, enquanto religião, vem crescendo e ganhando força na sociedade atual, embora os membros e partícipes ainda sejam vítimas de preconceitos e da intolerância, que geralmente advêm da ignorância e/ou da falta de conhecimento sobre ela. Para mudar esse quadro, é imprescindível direcionar o olhar ou os olhares para o reconhecimento do “direito fundamental à liberdade religiosa, em todas as suas dimensões” conforme preconiza (PAPA FRANCISCO, 2013).⁵

Referências

CENTRO DE REFERÊNCIA EM DIREITOS HUMANOS DO DISTRITO FEDERAL. **Diversidade religiosa e direitos humanos**. 3. ed. Brasília: União Planetária, 2013.

CONDURU, Roberto. **Pérolas da liberdade: joalheria afro-brasileira**. In: Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares. (Uerj), v. 10. n. 1, maio, 2013.

JARDIM, Tatiane. **Umbanda: história, cultura e resistência**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

NEGRÃO, Luzias Nogueira. **Umbanda, entre a cruz e a encruzilhada**. Revista social USP. São Paulo. 1993.

OLIVEIRA PINTO, T. de. **Som e música. Questões de uma antropologia sonora**. In: Revista de Antropologia, v.44, n. 1. São Paulo: USP, 2001.

⁵ (Discurso do Papa Francisco aos participantes da Plenária sobre o diálogo inter-religioso – 2013).

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

SANCHIS, Pierre. **Pra não dizer que não falei de sincretismo.** In: Comunicações do ISER, Rio de Janeiro, n. 45, p. 5-11, 1994.

SILVA, Eliane Moura da. **Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania.** In: Revista de Estudos da Religião, n. 2. São Paulo: PUC, 2004. p. 1-14.

VELHO, Gilberto (org.). **Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo. A Ancestralidade Africana ao som dos atabaques: As Manifestações Religiosas nos Corpos Umbandistas. **Id on Line Rev. Psic.**, Fevereiro/2022, vol.16, n.59, p. 100-106, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 30/11/2021;

Aceito 08/01/2022;

Publicado em: 28/02/2022.